

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

FRANCYELLE APARECIDA SILVA

SUICÍDIO E ALMA: caminhos da psique

**PATOS DE MINAS
2019**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

FRANCYELLE APARECIDA SILVA

SUICÍDIO E ALMA: caminhos da psique

Resenha apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo
Ferreira

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

FRANCYELLE APARECIDA SILVA

SUICÍDIO E ALMA: caminhos da psique

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 22 de novembro de 2019.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Aline Fernandes Alves
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Profa. Ma. Delza Ferreira Mendes
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho aos estudantes de psicologia, bem como aos demais interessados na temática do suicídio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser essencial em minha vida, por me conceder força para realização desse trabalho, por mais essa conquista.

À minha mãe, Edvania Maria da Silva, em especial por ficar sempre do meu lado, me incentivando e por nunca ter me abandonado.

Ao meu marido, Jouvani Felipe da Silva, pelo apoio e por entender minha ausência todos esses anos.

À minha bebê, Isabelly Lanna Aparecida da Silva, que foi gerada, vivenciando bem de perto e se comportando muito bem durante esse percurso.

À minha família, Vô Irineu Vital da Silva, Vó Joceni Maria da Silva, Tia Keila Aparecida da Silva Santos, Tio Reinaldo Tadeu dos Santos e Rayslla Aparecida Santos, pelo apoio e ajuda no que foi preciso.

Ao prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira, pela orientação desse trabalho, minha eterna gratidão.

*Quando não houver saída
Quando não houver mais solução
Ainda há de haver saída
Nenhuma ideia vale uma vida.*

Titãs

SUICÍDIO E ALMA: caminhos da psique

Hillman, J. (2011). *Suicídio e alma*. S. M. C. Labate (Trad.). (4a ed.). Petrópolis: Vozes.

Por: Francielle Aparecida Silva ¹

Leonardo Carrijo Ferreira²

1 CREDENCIAIS DE AUTORIA

James Hillman nasceu em 1926 nos Estados Unidos, foi um extraordinário psicólogo junguiano, conferencista, palestrante internacional muito conhecido em todo o mundo. Estudou no *C.G. Jung Institute*, na cidade de Zurique e posteriormente, foi pesquisador nessa instituição. Fundou o movimento denominado 'psicologia arquetípica' pós-junguiana e o Instituto de Humanidades e Cultura. Foi professor em diversas universidades, editor da revista *Spring Publications*, especializada em Psicologia Arquetípica, Mitologia, Filosofia e Arte. Consistiu-se em um dos autores mais criativos e escreveu inúmeros livros, sendo esses traduzidos em diversos idiomas, dentre suas obras pode-se citar: *Lamento dos Mortos: A Psicologia Depois de o Livro Vermelho de Jung*, *Cem Anos de Psicoterapia...* e *o Mundo Como Está* e sua obra mais conhecida, *Re-visitando a Psicologia*. Em relação às suas publicações, vale destacar que seus trabalhos e ideias sobre filosofia e psicologia foram popularizados por outros autores como Thomas Moore. Faleceu em outubro de 2011.

2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

A obra faz uma análise criteriosa a respeito da relação entre o suicídio e a alma, Hillman enfoca em seu livro algumas questões que levam ao suicídio, como chantagem, vingança e agressão. O autor nos traz as abordagens tradicionalistas da medicina psiquiátrica, da religião e do direito, nas quais o que importa é salvar a vida a qualquer preço, sendo assim o suicídio deve ser impedido, mas ele lembra que o

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). franciellepsico01@gmail.com

² Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientador do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. p.i.i.h@hotmail.com

suicídio não deve ser considerado apenas como a saída da vida, mas também como a entrada na alma. Hillman traz a alma como ponto central de seu trabalho, e o divide em dois momentos, sendo eles: parte 1, com 5 capítulos e parte 2, com 7 capítulos.

O primeiro capítulo discute o suicídio destacando de forma abrangente suas várias demandas de interpretação, sendo que, existem formas diversificadas de avaliar esta atitude. A sociedade ignora o problema, para a lei ele é um crime e a religião trata-o como um pecado. Segundo o autor há uma probabilidade maior de ocorrer um suicídio na própria casa, em seu habitat, do que um hospício, mostrando ser uma tribulação muito grave.

O suicídio, segundo o autor, deve ser visto como uma possibilidade de cada ser humano, visto que cada um tem a opção de viver, se ninguém é capaz de afrontar a vida se não conseguir enfrentar a morte. Hillman menciona que quando acordamos da mesma forma com que nos deitamos, ou seja, vazios no coração, com a alma morta, isso pode ser considerado como um suicídio.

O autor faz uma crítica quando nos apresenta a prevenção do suicídio para a sociologia, teologia, direito e medicina, os quais julgam o suicídio de forma preconceituosa, pois como tal ameaça de alguma forma as metáforas as quais cada um deles acreditam.

No segundo capítulo o autor menciona Emile Durkheim, o qual fez um trabalho riquíssimo sobre o suicídio dentro da sociologia, o foco é direcionar o indivíduo de volta ao grupo do qual se removeu, pois, o isolamento pode induzir a tendências suicidas, isso é chamado na sociologia de reforço grupal. Para a lei, o suicídio não é reconhecido como um direito a ser protegido, como em outros tipos de homicídios, ele é considerado sempre como culpado e sob hipótese nenhuma poderá provar sua inocência.

O autor mostra que a teologia se apresenta às pessoas como uma ordem, uma obrigação de viver, por isso o suicídio significa um pecado, o qual está privado de arrependimento, pois, a vida é de Deus e só ele poderá tirá-la quando quiser, sendo o suicídio um ato de rebelião. Por outro lado, a medicina tem a função de promover vida, tendo por premissa de acreditar ser justa toda forma de enfrentar a vida, utilizando qualquer meio que proporcione isso.

No terceiro capítulo o autor divide o suicídio em vários grupos, dentre eles: os coletivos que são aqueles contratados para morrer, os simbólicos quais o ato suicida

é ocorrido em público, e os emocionais feito pelo domínio de uma paixão avassaladora, também nomeou os suicídios intelectuais, em vista de uma causa, que levam o indivíduo a greve de fome por exemplo, tais atos de autoextermínio ocorrem devido a uma paixão, fracasso, finanças, abandono, solidão, dentre outros motivos.

O suicídio é uma escolha de morte, uma possibilidade humana, na qual a morte é marcante, mas não para o analista, que acredita na alma procurando elevações nos significados de cada suicídio. Jung recusou-se a classificar as pessoas em grupos de acordo com os seus sofrimentos.

O que o paciente deseja do seu analista é que ele fique consciente da sua dor e o atraia para seu mundo de esperanças. A alma é algo simbólico, para aproximar-se do problema do suicídio tem-se que compreender o sujeito, é preciso estar dentro e fora daquele indivíduo, adaptando, assim, os olhares de fora, percebendo como ele leva aquele problema, de um lado interno, no qual a dificuldade está inserida. O autor traz hipóteses pelas quais devemos examinar todo indivíduo e viabilizar sua morte.

No quarto capítulo o autor expõe a falha da psicologia no arrolamento dos estudos relacionados à morte, tendo pouca literatura dedicada ao tema, em detrimento a outros assuntos banais da vida e dentre vários questionamentos, porque evitar tal assunto?

A teologia segue um ritual sacrificando a morte. Já para filosofia ela é erigida dia a dia dentro de cada um, de forma que nós mesmos a construímos. A morte faz parte do encerramento do ciclo da vida, aqueles que suicidam, sofrem uma interrupção antecipada de suas vidas, não podendo completar o ciclo. Para muitos ela tem significado de separação, e partir é enfim morrer.

Dessa forma é possível notar que o analista acredita na alma e volta às ideias decorrente a ela. Jung, o desbravador, em suas pesquisas descobre que a morte tem múltiplos significados dentro dos sonhos e das fantasias, e com isso a alma sofre experimentando as diversas facetas da morte, o sujeito a imagina de todas as formas possíveis liberando o eu e rompendo a trama, então o sofrimento é iniciado.

Se Hillman e Jung consideram o eu como um dos personagens que constituem a psique, então seria possível que o mesmo pudesse abrir espaço para os demais personagens internos pudessem aderir-se ao corpo e ganhar a oportunidade de expressão do eu.

No quinto e último capítulo dessa primeira etapa do livro, fala-se sobre o enfrentamento do risco de suicídio e anexa vários questionamentos de início. A ameaça suicida é um conflito entre o interior e o exterior, a qual o analista deve sempre estar neutro, estando parte dentro e parte fora. Para refletirmos a alma seria necessária a experiência da morte?

Para o enfrentamento é aceitável a ajuda médica, porém apenas em alguns casos, e isso não substitui o analista, chamado de prevenção esperançosa, o movimento natural da psique tende a vir como uma oportunidade de se expressar.

O autor traz duas diretrizes de vida e alma: história de caso e história de alma, deixando um questionamento do começo delas, vida e alma. História de caso é a vida social e a história de alma, o contexto e as ficções, experiências, emoções, sonhos e fantasias vivenciadas pelo indivíduo.

Na segunda parte do livro o autor traz no primeiro parágrafo do sexto capítulo uma proposição na qual o analista deve tomar seu lugar e mapear dentre seus arredores, fazendo, assim, o que se chama de raiz arquetípica.

Nesse momento a psicologia existencial visa adaptar a psicoterapia em um novo formato. Jung permaneceu firme defendendo a alma como realidade primordial, acreditou nas almas de seus pacientes e teve sua realidade psíquica mais bem relacionada, revelando os padrões dinâmicos mais fundamentais da psique, chamados de arquétipos da alma por ele mesmo.

O autor traz a luta pela análise e retrata que a medicina exclui a alma, esquecendo-se de que até mesmo os médicos a possuem, agindo como se o sujeito fosse apenas um corpo. Diz então, leigo, qualquer profissão que não prioriza a alma e cita Freud com o seu belíssimo trabalho sobre os leigos, lamentando por ele não ter continuado.

No capítulo sete o autor fala que a sociedade é muito inexperiente quando se trata da análise, julgam-na de várias formas possíveis. Hillman ainda deixa claro que o fato mais importante nela é o analista se autoanalisar, antes mesmo do paciente, um analista ou psicólogo é sempre leigo quando não faz o uso dessa autoanálise, tendo apenas o estudo de uma psicologia geral.

O autor faz uma crítica a respeito dos médicos que usam um diploma de medicina para a prática da análise, afetando assim, negativamente a posição profissional do analista. Para ele a medicina mudou o foco de atenção do tratamento da alma para apenas a cura de doenças do corpo, através de medicamentos,

esquecendo-se da psique. Em êxtase a palavra terapia desapareceu da linguagem do médico, sendo substituída por outros palavreados mais intelectuais como: diagnóstico, farmacologia e cirurgia.

Ele se posiciona quanto ao pensamento terapêutico médico que prioriza a cura e não proporciona ao paciente a possibilidade de vivenciar suas duas polaridades: morte e vida, levando em consideração apenas a melhora do paciente em nome da reputação que se desencontra das condições emocionais do enfermo, que não se encaixa na perspectiva da sociedade.

O capítulo oito é o curador como herói, esse é então o médico, sim, o suposto médico, o autor o traz sobretudo como um salvador, tratando a morte até ali, no último momento de vida e por apenas um saber a mais que os outros e levando a fama de herói.

O autor nesta parte do livro cita os contos de Dionísio e Apolo, os deuses gregos, comparando, assim, o analista que segue o seu instinto, emoções como Apolo e envolvendo Dionísio ressaltando que quando há o risco de suicídio, deve-se ter seguimento de ambos os deuses, se mantendo dentro e fora do paciente, sustentando assim, a consciência do analista.

O nono capítulo trata da conceituação da palavra patologia, que inicialmente significava o estudo do sofrimento, mas na modernidade tornou-se apenas uma das causas que são levantadas para a determinação da doença do indivíduo.

O médico é preconceituoso quando separa o corpo da doença, o sofrimento pode permanecer mesmo após o descobrimento de que não há nenhuma base orgânica, ou seja, uma dor, ocasionada pela psique. Alguns confundem a dor com o sofrimento, sendo que esses se diferem.

Será tão importante dar atenção ao diagnóstico? Assim começamos a falar do décimo capítulo, em alguns lugares isto é errado, como mostra na história da medicina, sendo assim, o diagnóstico é um fator que auxilia na cura. Sob influência da ciência o diagnóstico vem ocupando um lugar central, não diferindo da psicologia clínica e acadêmica, as quais estão sugerindo cada vez mais testes diagnósticos para facilitar o tratamento.

A abordagem diagnóstica visa tratar do corpo como um objeto, sendo um estudo desse. A medicina procura saber o sintoma e curá-lo e a análise explora o sintoma em busca do seu significado aprofundado.

Chegando ao fim do livro, já no décimo primeiro capítulo, o autor observa ressaltando a essência da esperança, mostra que para religião ela é o sacrifício da espera, para medicina é uma forma de consolar cada paciente, sempre acreditando na força do surgimento de algum medicamento para salvar a sua vida, dando mais tempo ao enfermo.

Outro detalhe que merece ser mencionado é que o autor traz nesse último capítulo do livro questões éticas que se igualam ao sigilo, a alma é igual às pontas privadas, se diferenciando do corpo que está sempre visível, os segredos se mantem entre duas pessoas, e entre pessoa e profissional, o qual depende da confiança de ambas as partes.

A análise, segundo a teoria freudiana, é uma aliança secreta que envolve apenas paciente e terapeuta. Em suma, o livro traz várias questões objetivas, retratando o suicídio de uma forma expandida, com olhares diferenciados, o autor traz, por fim, uma postura que estimula o leitor a continuar a estudar sobre o tema.

3 APRECIÇÃO DA OBRA

Segundo a obra o analista deve propor a terapia como um espaço no qual o paciente possa dialogar sobre a morte, mostrando o lado sombrio dela, sendo que neste momento ele possa se libertar de suas fantasias e ideias sobre o assassino dentro de sua psique. Considera também que a morte deve ser tomada como uma parte da vida, pois trata-se de uma nova perspectiva para o paciente, sendo uma oposição: morte e vida.

Sendo assim, falar sobre a morte poderia minimizar sua concretização junto ao paciente e assim ele seria consumido por ela. Apesar de ser uma abordagem difícil, ela pode permitir com que o indivíduo caminhe para falar abertamente sobre ela em terapias com a família e com a sociedade.

A obra de James Hillman pode agregar maior conhecimento sobre como a terapia pode auxiliar no entendimento e no tratamento da alma, levando em consideração que ela retrata o eu reprimido dentro de cada pessoa, voltando o olhar do terapeuta para este ponto e não somente para o diagnóstico e cura do sofrimento e da angústia de seu paciente, modificando o foco da análise moderna do corpo para a alma.

A obra é uma leitura de fácil acesso, agradável, interessante e um tema tabu perante a sociedade, direito, moral, religioso e médico, portanto a importância de saber sobre esse contexto.

4 INDICAÇÃO DA OBRA

A leitura da obra é indicada para estudantes e profissionais de psicologia, bem como, demais interessados na temática do suicídio para que possam realizar reflexões e intervenções quando for necessário.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Francielle Aparecida Silva

Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Cristo Redentor

Patos de Minas MG - CEP: 38700-156

(34) 3818-2300

francyellepsico01@gmail.com

Autor Orientador:

Leonardo Carrijo Ferreira

Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Cristo Redentor

Patos de Minas MG - CEP: 38700-156

(34) 3818-2300

p.i.i.h@hotmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 22 de novembro de 2019

Francielle Aparecida Silva

Leonardo Carrijo Ferreira



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU Nº. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC Nº. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME Nº. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, nº. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)